

Pecuária de corte: apaixonante, lucrativa e com um grande futuro pela frente!

Por [sergioraposo](#) em 3 de setembro de 2013

No tempo que você demora em levar seu olhar da esquerda para a direita, esquadrinhando esses caracteres e decifrando-os até aqui, cerca de três toneladas de carne bovina foram produzidas no Brasil. Se isso não for convincente para dar uma ideia da grandeza da nossa pecuária de corte, lembrar que ela exporta para bem mais do que 100 países, que ajuda em quatro bilhões de dólares nossa balança comercial e que emprega mais de sete milhões de pessoas, talvez ajude!

Ainda mais impressionantes, todavia, são as perspectivas de crescimento nas próximas décadas. As populações dos países emergentes tem melhorado sua renda média e isso tem feito com que se incorpore, ano a ano, um contingente maior de consumidores ávidos por carne bovina. As previsões são que, com base na produção atual, até 2050 temos que aumentar nossa produção em 60%.

E qual a possibilidade de nossa pecuária responder a este desafio?

Sem titubear, e com uma avaliação com os dois pés bem fincados em terreno firme, podemos afirmar com convicção que são as melhores possíveis. As circunstâncias são muito favoráveis e até nossos defeitos contam a favor. Um bom exemplo disso é que mesmo nossos índices produtivos pífios nos dão grande margem para aumentar a produção verticalmente. Ainda temos a vantagem de poder crescer horizontalmente, dentro da lei e sem que isso represente riscos ao ambiente.

Se o negócio é grande, há grandes perspectivas futuras de mercado e possibilidade de responder com produção por que ainda há tanta lamúria no setor? Um dos gargalos é que, como preço de venda é definido pelo mercado, a margem do produtor depende do seu custo de produção da arroba. Como, há algumas décadas, o valor do produto tem subido menos do que o custo, o cenário recorrente é de estreitamento das margens.

Aqui, puxando o boi para o meu lado, gostaria de chamar a atenção para uma das maiores oportunidades latentes da pecuária: o incremento do emprego da tecnologia no campo para

aumento de produção, maiores rentabilidades e, até eventualmente, redução dos custos de produção. Foi exatamente pensando no estreito gargalo da transferência de tecnologia (TT) que, aceitando com muita honra o convite para ser colunista do Beefpoint, coloquei como desafio escrever semanalmente.

Não tenho dúvidas que a TT se trata do principal obstáculo para tornar efetivo, o que é latente. Temos muita informação, mas há grande dificuldade em que ela chegue ao campo e que seja incorporada. Assim, tenho a enorme pretensão que esse esforço frutifique no sentido de efetivamente fazer alguma diferença no setor produtivo. Além disso, esperando poder contar com críticas e sugestões dos leitores, fazer desta experiência uma ponte para aproximar o mundo da pesquisa do mundo real, de forma a nos ajudar a direcionar melhor nossos esforços de pesquisa, criando as soluções de que o setor precisa e na forma que ele efetivamente consiga absorvê-las.

O plano inicial é escrever um artigo de opinião, outro com alguma tecnologia da Embrapa, um terceiro com alguma novidade do setor relatado no Brasil ou no exterior e um quarto artigo que, ao longo do tempo, formaria uma manual de “Como um boi funciona”. Pretendemos com este último trazer fatos e curiosidades da biologia desse animal e sua conexão com aspectos práticos que, assim, ajudem a entender melhor o porquê dos procedimentos técnicos recomendados.

Esse ciclo se repetirá pelo tempo que houver o espaço e, provavelmente, à medida que ainda estiver gerando algum efeito positivo no meio. Material, fôlego e motivação não faltam.